

A Verdade Em S. João

O conceito de «verdade» (*alètheia*) em S. João tem sido objecto de estudos especiais porque se distancia substancialmente dos demais textos do Novo Testamento, a começar pelo número de entradas, mas, sobretudo, pelos conteúdos teológicos. Em Mateus aparece apenas uma vez em 22, 16b: «Mestre, sabemos que és sincero e que ensinas o caminho de Deus segundo a *verdade*, sem te deixares influenciar por ninguém, pois não olhas à condição das pessoas.» O paralelo de Mc 12, 14 e de Lc 20, 21 é idêntico, mudando apenas o *en alètheia* pelo *ep'alètheias*. O sentido é ético e moral: «segundo o que é recto e justo». Se Jesus é *orthōs* (recto), também ensina o «caminho de Deus» segundo essa mesma rectidão – verdade. A verdade é idêntica à «veracidade» e «imparcialidade». Em Mc 12, 32: «Muito bem, Mestre: *na verdade (ep'alètheias)* disseste que Ele é o único e não existe outro além dele», tem um sentido adjectival: «com razão disseste», até porque está escrito no credo histórico de Israel (Nm 15, 37-41; Dt 6, 4-9; 26, 5-9) que só o Deus revelado a Moisés é o único Deus. Em Lc 4, 25: «Em verdade (*ep'alètheias*) vos digo: havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias...», tem o mesmo sentido adjectival: «é com toda a razão» que vos digo, tanto mais que o que se segue também é uma verdade bíblica (1Rs 17, 1-24). Em Lc 22, 59: «na verdade» (*ep'alètheias*) também este estava com ele...» tem um mero sentido circunstancial sobre a verdade de ser galileu. Finalmente, em Mc 5, 33: «Então, a mulher, cheia de medo e a tremer, sabendo o que lhe havia acontecido, foi prostrar-se diante dele e disse «toda a verdade» (*pasan tèn alètheian*). Continuamos com o mesmo sentido adjectival. Em conclusão, nos evangelhos sinópticos, o termo «verdade» nunca assume um significado teológico.

No quarto evangelho, o assunto é completamente diferente. Aparece 20x (Jo 1, 14. 17; 3, 21; 4, 23. 24; 5, 33; 8, 32. 40. 45. 46; 8, 44; 14, 6. 17; 15, 26; 16, 7. 13; 17, 17. 19; 18, 37bis. 38; cf. nas cartas de S. João 1Jo 1, 6. 8; 2, 21; 3, 19; 4, 6; 2Jo 1. 4; 3 Jo 3).

O autor que dedicou grande parte da sua vida como exegeta da «verdade» joanina foi Ignace de la POTTERIE. Depois de ter apresentado os seus estudos sobre o tema em artigos e congressos, defendeu a tese de doutoramento e apresentou em 1977 o fruto de todo este imenso trabalho em dois volumes ¹. Por tudo isto, I. de la Potterie é um autor incontornável nesta matéria. O grande salto qualitativo nos seus trabalhos consiste em ter arrumado o «mito» da dependência da «verdade joanina» da tradição platónica e do dualismo helénico e gnóstico, para o compreender a partir da verdade bíblica e, sobretudo, dos textos do judaísmo posterior, seja dos sapienciais, seja dos apocalípticos, bíblicos e extra-bíblicos.

Quase todos os exegetas do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, incluindo C.H.Dodd e R.Bultmann, navegaram nas águas da influência-dependência platónica e correspondente dualismo helénico. Uma leitura superficial de João pode levar-nos facilmente a estas conclusões devido «à insistência do evangelista sobre a transcendência de Jesus, a vida em Deus, o contraste entre Jesus que é «do alto» e os homens que são «de baixo» ². A nível literário, não há dúvida que existem pontos de contacto entre a literatura platónica, o dualismo helénico e a literatura joanina, mas tais paralelos são apenas aparentes, porque «a concepção da verdade» não tem apenas a ver com as fontes literárias, mas com a «reinterpretação profunda da terminologia». Para tanto, o autor segue o método de estudo dos textos joaninos a dois níveis: a pesquisa das possíveis dependências culturais em relação ao meio ambiente («l'arrière-fond») da *fórmula* como tal e, em segundo lugar, o estudo gramatical e semântico, *exegético* e *teológico* dos textos joaninos.

Vale a pena citar o autor no original francês nalgumas das suas conclusões mais ilustrativas. «Si nous nous plaçons uniquement au niveau des matériaux utilisés, nous constatons une absence totale, chez Jean, des modes d'expression caractéristiques du dua-

¹ DE LA POTTERIE, Ignace, *La Verité dans Saint Jean*, Vol. I com 476 pp. e II com 1128 pp, Biblical Institute Press, Rome, 1977.

² *Ibid.*, vol. II 1004.

lisme grec (surtout platonicien): Jean n'identifie jamais la vérité (*è alètheia*) à l'être (*to on*), à la substance (*è ousia*), au divin (*to Theion*) ou à Dieu (*ho Theos*). Et à l'inverse des Grecs, il ne parle jamais de la contemplation de la vérité. Pareillement, on cherche en vain chez lui les expressions typiques du gnosticisme, qui sont presque toutes liées au mythe de retour: il s'agit là d'une montée *vers* le Plérôme, *vers* le lieu céleste de la Vérité (on remarquera l'importance du vocabulaire spatial dans la description de ces réalités mythiques). Rappelons les principales de ces formules gnostiques: le chemin vers la Vérité (*Exc. Stob.*, II, B, 5), s'avancer jusqu'à la Vérité (*C.H.*, 9, 10), entrer dans le secret de la Vérité (*Év. Selon Philippe*, 125), le Lieu de la Vérité (*Pistis Sophia*, 6. 143), l'Éon de la Vérité, et surtout: le Père de la Vérité. Il faut donc se rendre à l'évidence: le vocabulaire-type du dualisme grec, hellénistique ou gnostique au sujet de la vérité, est différent de celui de Jean»³.

«La conclusion de tout cela est nette. Le milieu auquel se rattache dans son ensemble le vocabulaire johannique de la vérité n'est pas le dualisme platonicien, hellénistique ou gnostique, mais la tradition biblique et plus encore, le judaïsme palestinien. Certaines formules se rencontraient déjà dans l'A.T. («faire la vérité», et tous les emplois de l'expression *en alètheia*, p.ex. «marcher dans la vérité»); quelques-unes cependant sont à rapprocher plus directement de la tradition apocalyptique ou sapientiale («Moi, qui vous ai dit la vérité que j'ai entendue de Dieu», «rendre témoignage à la vérité», «connaître la vérité»); d'autres se rattachent plutôt au dualisme eschatologique, représenté surtout par les écrits de Qumrân («le chemin de la vérité», la vérité opposée au mensonge, à l'égarement, au péché)»⁴.

A originalidade do autor do quarto evangelho – seja ele quem for –, nesta temática como em tantas outras, não consiste no vocabulário, mas na semântica do mesmo. A «verdade» joanina é «le don de la *révélation* apportée par le Christ et non pas une entité métaphysique du monde d'en haut; elle n'est pas identifiée à Dieu, mais au *Christ* et à l'*Esprit*, qui exercent leur action *ici-bas*, au plan de l'histoire, et qui transmettent la révélation; le mouvement de la vérité, dès lors, est *descendant*: c'est celui de la révélation, qui nous

³ *Ibid.*, 1005.

⁴ *Ibid.*, 1007.

est communiquée en Jésus Christ et intériorisée sous l'action de l'Esprit»⁵.

«Il ne signifie pas que nous allons parler du rapport entre Dieu et la vérité, Dieu étant lui-même la Vérité, l'Être suprême. Ce n'est pas ainsi que s'articule la pensée de saint Jean. Le mot *alètheia*, dans ses écrits, n'est jamais appliqué à Dieu. La vérité, pour Jean, est une réalité *historique*: la révélation définitive apportée par Jésus Christ et présente en lui. La vérité appartient à ce que les théologiens appellent l'«économie»: la venue de la vérité est un événement fondamental dans l'histoire de la révélation, l'événement de grâce (Jn 1, 17) qui ouvre les temps eschatologiques»⁶ (...). «La vérité, dans S. Jean, à la différence de l'*alètheia* du platonisme, n'est donc pas l'essence divine, l'être transcendant de Dieu, pas davantage le Verbe éternel vivant auprès du Père. Elle a son «lieu» dans l'*homme Jésus*, dans cet homme qui s'est fait connaître parmi nous comme le Fils de Dieu. Cet événement central de l'histoire du salut, ce don de la révélation, c'est la vérité»⁷.

A grande «descoberta» de I. de la Potterie está em ter reparado que a «verdade» joanina não tem a ver com o Pai (Deus), mas com o Filho, Jesus Cristo. Assim se explica que enquanto os sinópticos falam tão pouco do Pai, o quarto evangelho está continuamente a falar do Pai e do Filho, nas suas relações internas e interdependentes. E, para compreender esta «revelação», o autor apresenta a pessoa do «Espírito» – e é o único autor do NT a chamá-lo de «Espírito da Verdade» (Jo 14, 17; 15, 26; 16, 13). Aliás, a primeira carta de João parece ir mais longe ao afirmar a identidade entre o Espírito e a Verdade (1Jo 5, 6: «Este, Jesus Cristo, é aquele que veio com água e com sangue; e não só com a água, mas com a água e com o sangue. E é o Espírito quem dá testemunho, porque o Espírito é a Verdade»). Sem dúvida que a função do Espírito, tanto no evangelho como nesta carta se relaciona com o dom da fé – o Espírito conduz as pessoas a acreditarem na «verdade» de Jesus como Filho incarnado. Os «anticristos» da primeira carta (1Jo 2, 18. 22; 4, 3) eram certos cristãos que, por influência gnóstica ou pré-gnóstica, não acreditavam na encarnação do Filho (1Jo 4, 1-3). O Espírito tem a

⁵ *Ibid.*, 1009.

⁶ *Ibid.*, 1010.

⁷ *Ibid.*, 1011.

função de «testemunhar» esta verdade, isto é, não se trata dum testemunho vindo da história ou da inteligência dos homens, mas do próprio Espírito de Deus. A linguagem da «verdade» é a linguagem da «fé», através do Espírito, enquanto que a linguagem da «descrença» cristológica é a do «mundo» (1Jo 2, 15bis; 4, 4. 5; 5, 19).

Desta forma, o conceito de «verdade» joanina aparece por causa da «fé» cristã na pessoa de Jesus como Cristo e Filho de Deus, Senhor e Salvador (Jo 4, 42b: «...nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o *Salvador do mundo*»; 1Jo 4, 14: «Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho *como Salvador do mundo*»; Jo 20, 31b: «Estes [sinais]), porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, crendo, *tenhais a vida nele*».

Para compreender esta final sobre a fé cristológica joanina, isto é, «la place de la vérité dans la vie du croyant», I. de la Potterie ocupa o segundo volume do seu estudo, distribuído em oito capítulos: 1) A obra da fé: fazer a verdade; 2) Conhecer a verdade; 3) Ser da verdade; 4) Viver na verdade. O emprego da fórmula *en (tè) alètheia*; 5) «Ser santificado na verdade» (Jo 17, 17-19; 6) A libertação pela verdade; 7) Tornar-se cooperantes da verdade; 8) A verdade e os seus contrários.

A intenção deste pequeno trabalho, em memória ao Prof. Isidro Alves, com quem trabalhei em diálogo amigo e académico a exegese e a teologia bíblica do NT, consiste precisamente neste aspecto final da tese de I. de la Potterie. Este autor não ultrapassou a metodologia da exegese literária e semântica. A sua «revolução», incontornável e definitiva neste aspecto, como já afirmei, não se estendeu ao destinatário como *sujeito operativo* da sua exegese. Nesse tempo, os estudos de sociologia religiosa como abordagem importante para a exegese, ainda não tinham aparecido. E é precisamente neste aspecto de sociologia religiosa, que reputo importante, que vou discorrer sobre a «verdade» joanina.

Para melhor compreendermos o assunto, começemos por apresentar os textos joaninos do quarto evangelho e da primeira carta, com a respectiva exegese aos textos do prólogo, paradigmas de todos os demais, e algumas anotações explicativas a outros textos.

Jo 1, 14: E o Verbo (a Palavra) fez-se carne,

Habitando no meio de nós.

E, assim, tivemos a experiência da sua glória

– a glória que tem enquanto unigénito do Pai –
cheio de graça e de verdade (plèrès charitos kai alètheias).

O Logos/Verbo/Palavra aparece em relação ao Pai pelo laço da *doxa*, que significa «glória» e «esplendor». A «glória» do Verbo é a mesma que a do Pai. O Verbo é o «unigénito» do Pai, porque é o «primeiro», embora diferente de todos eles, dos «filhos de Deus» e dos «crentes» no mesmo Verbo (v. 12). Este *monogenós*, aplicado a Jesus, é um designativo próprio do «corpo joanino» (Jo 1, 14. 18; 3, 16. 18; 1Jo 4, 9).

A comunidade experimenta (*etheasámetha*) a glória/esplendor deste Verbo tornado homem. Não se trata simplesmente de «contemplar», como traduzem geralmente os autores, mas de experimentar comunitariamente, no recitativo da sua fé, esta glória/esplendor do Verbo no meio dos crentes. Daí a razão de ser do *kai* com sentido consecutivo: «E, assim», ou: «E, desta maneira». Não se trata duma simples experiência de visão exterior sobre a humanidade do Verbo, mas da experiência da «salvação» em fé comunitária.

Este Verbo está «cheio de graça e de verdade». Os dois conceitos «graça» e «verdade» formam um hendíadis. Não se trata da «graça santificante», mas da graça como «dom» – o dom da salvação. O conceito *alètheia* – verdade, só pode significar a realidade divina da revelação salvadora. «Cheio de graça e verdade» significa que o Verbo está cheio «do dom autêntico da salvação»⁸. É ele quem dá o dom autêntico (verdadeiro de verdade divina) da salvação. Ele não está cheio deste dom de salvação para si mesmo, mas para os que nele acreditam: os «filhos de Deus» e os «crentes» n'Ele (v.12. *tois pisteuousin eis to onoma autou*).

Este v.14 do prólogo vai elucidar todos os demais textos sobre esta *charis* e esta *alètheia*.

Jo 1, 17: Porque a Lei foi concedida por meio de Moisés,
mas a graça e a verdade (hè charis kai hè alètheia)
 aconteceu por meio de Jesus Cristo.

⁸ VIDAL, Senen, *Los escritos originales de la Comunidad del Discipulo «Amigo» de Jesus*, Sígueme, Salamanca, 1997, 389-390.

Como vimos atrás, a tradução mais precisa será:

Porque a Lei foi concedida por meio de Moisés,
mas o dom autêntico da salvação
aconteceu por meio de Jesus Cristo.

É importante que só agora, neste versículo, o autor refira o Logos, de uma maneira explícita, à pessoa de Jesus Cristo. Até aqui, o Logos era «divino» (v. 1), «criador com Deus» (v. 3), «a vida e a luz dos homens» (v. 4), que «recebe o testemunho de João Baptista» (v. 6), que «veio aos seus» (v. 11), mas não o acolheram» (v. 11), embora alguns o acolhessem, tornando-se em «filhos de Deus» e «crentes no Verbo») (v. 12), que se «tornou-se um ser humano» (v. 14), de modo que os seus crentes «experimentam o seu esplendor» (v. 14) e «a abundância do dom da salvação» (v. 16-17).

O hino está estruturado de maneira antitética: os que acreditam e os que não acreditam. Tudo gira em volta da fé, embora a palavra *pistis* não apareça, mas sim o verbo *pisteuô* (v. 12) e outros equivalentes: «a treva não o acolheu» (v. 5), «o mundo não o reconheceu» (v. 10), «os seus não o acolheram» (v. 11), mas há também alguns que o acolheram (v. 12). Para estes últimos que o acolheram, receberam da sua plenitude «graça sobre graça» (*kai charin anti charitos*: lit. «e dom sobre dom»), isto é, «a abundância do dom da salvação».

A pessoa de Jesus Cristo, no v.17, aparece por causa do contraste com a de Moisés, ou, do contraste entre a Lei, por um lado, a graça e a verdade, por outro lado.

A estrutura «por rodeio» deste hino leva os autores a falarem dum hino altamente «composto» e redaccional. Deixamos este particular de lado, e assumimos o hino como chegou até nós com a sua unidade teológica. Mas é natural que o hino seja uma aplicação «cristã» a hinos não cristãos anteriores sobre o Logos helénico e a Sabedoria judaica dos Sapienciais. Assim se explica que a pessoa de Jesus Cristo esteja presente desde o princípio ao fim na pessoa do Verbo, mas só é identificada nominalmente no v. 17. Aliás, em todo o quarto evangelho, o nome de Jesus Cristo só aparece aqui e em 17, 3. Ao autor interessa-lhe Jesus Cristo como Filho, sempre em relação ao Pai: o emissário do Pai que veio ao mundo para que os crentes tenham a VIDA-SALVAÇÃO (Jo 20, 31). Esta «graça/dom sobre graça/dom»(v. 16) ou esta «graça/dom e verdade» (v.17), em

contraste com a Lei de Moisés só pode significar a nova «revelação» do emissário do Pai/Deus e, com ela, a «salvação».

A conclusão sobre estes dois textos do prólogo do quarto evangelho, onde o conceito «verdade» aparece de mãos dadas com o de «graça», só pode significar «o dom da salvação», fruto do dom da «revelação» do Verbo/Palavra de Deus, para quem n' Ele acreditar.

Jo 3, 21 Aquele que faz a verdade (*ho de poiôn tèn alètheian*)
expõe-se à luz,
para que se descubra que as suas acções
se realizaram de acordo com a vontade de Deus.

Este texto não tem a mesma importância que os dois anteriores. «Aquele que faz a verdade» é «aquele que actua correctamente». Estamos no âmbito da correspondência entre a verdade e a fé: viver a vida cristã segundo a vontade de Deus.

Jo 4, 23: Realmente está a chegar o momento, ou melhor, já
está presente,
em que os autênticos adoradores
prestarão culto ao Pai
em espírito e verdade (en pneumatí kai alètheia),
pois esses são precisamente aqueles que o Pai procura como seus
adoradores.

O Jesus do quarto evangelho, na macronarrativa da samaritana, tem por fim apresentar a verdadeira revelação cristã, à maneira do evangelista joanino, em contraste com a dos judeus e samaritanos. Desta forma, a macronarrativa termina por afirmar que os samaritanos, depois de terem ouvido a pessoa de Jesus, confessam que ele é mais do que um profeta: «nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo» (4, 42b).

Para exprimir esta revelação, o autor serve-se dos temas da «água viva» que sacia a «sede», do casamento de Deus com o seu povo ou com os ídolos (os cinco ídolos de Samaria) e da liturgia do templo de Jerusalém e de Garizim. Jesus vem dar resposta a todos estes requisitos: Ele é a «água viva», o noivo do «agora» (v.18: «...e o que tens *agora* não é teu marido») e o «profeta» (v.19) revelador do novo Templo e nova liturgia (v. 21: «Mulher acredita em mim: chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai»).

O nosso v.23 tem a ver com a questão do culto novo: «os autênticos adoradores darão culto ao Pai «em espírito e verdade». Estamos, uma vez mais, diante de uma hendiadis, que só pode significar «com a autenticidade do Espírito», isto é, semelhante culto não vem da terra mas do alto, do Espírito. É o Deus do Espírito que, através do seu profeta Jesus o vem revelar. Logo, semelhante culto tem que ser verdadeiro e autêntico.

Semelhante enunciado de revelação vai esclarecer-se ainda mais com o v. seguinte:

Deus é Espírito (*pneuma ho Theos*),
E, desta maneira, os seus adoradores devem prestar-lhe culto;
com espírito e verdade é preciso prestar culto
(*en pneumati kai alêtheia dei proskunein*).

O v. 24c apenas enfatiza o enunciado de 24b. Repete-se a hendiadis do v. anterior: «em espírito e verdade», que se deve traduzir da mesma maneira: «com a autenticidade do Espírito»

Jo 5, 33: «Vós mesmos enviastes uma delegação a João, e este testemunhou segundo a verdade (verazmente)» (*kai memartyrèken tē alêtheia*). v 34: «Isto não quer dizer que o testemunho a meu favor se funda numa autoridade humana (lit. Eu não recebo o testemunho da parte de um homem); digo-o sobretudo para que encontreis a salvação (*ina ymeis sôthête*).

Jo 8, 31-32: «Então disse Jesus aos judeus que tinham acreditado nele:

Se vos mantiverdes firmes na minha palavra,
Sereis meus discípulos autênticos,
e então *conhecereis a verdade* (*kai gnôsethe tēn alêtheian*),
e a verdade vos libertará (*kai hē alêtheia eleutherôsei ymas*)
v. 36: «Apenas, portanto, se o Filho vos liberta,
sereis realmente pessoas livres».

Jo 8, 40: «Facto é que procurais matar-me, a mim que vos falei da verdade que ouvi a Deus «.

Jo 8, 44: «O vosso pai é o diabo,

E, assim, quereis realizar os desejos do vosso pai!
Ele foi um assassino desde o princípio,
e não esteve no âmbito da verdade (*kai en tē alêtheia ouk estêken*),
pois não há nenhuma verdade nele (*oti ouk estin alêtheia en autô*):

quando diz a mentira,
fala do que lhe é próprio,
pois ele mesmo é um mentiroso e o pai do mentiroso.

Jo 14, 6: «Jesus disse-lhe:

Eu sou o caminho, a verdade e a vida [e a vida autêntica] (*Egô eimi hê odos kai hê alêtheia kai hê dzoè*).
Ninguém pode ir ao Pai
se não é por mim.

Jo 14, 16-17: «E então o Pai, acedendo ao meu pedido, [Lit. E eu rogarei

ao Pai],
Conceder-vos-á também outro auxiliador,
Para estar convosco para sempre:
v. 17 o Espírito da verdade [verdadeiro Espírito],
aquele que o mundo é incapaz de acolher,
porque não pode experimentá-lo nem reconhecê-lo;
vós, porém, reconhecê-lo-eis,
porque permanece em vós e estará em vós [porque estará permanentemente na vossa companhia].

Jo 16, 7: «Mas eu digo-vos a verdade: é conveniente para vós que eu vá, [No entanto, a verdade é que vos convém que eu vá] porque, se não for, o auxiliador não virá estar convosco, mas, se eu for, enviá-lo-ei a vós.

Jo 17, 17: Santificai-os na verdade [Dedica-os ao serviço da verdade

Salvadora: *hagiason autous en tè alêtheia*],
A tua palavra é (a) verdade [que é a tua palavra].

Jo 18, 37: Pilatos perguntou-lhe:

– Então, tu és rei?
Jesus respondeu-lhe:
– Tu é que dizes que sou rei [Tu mesmo o estás afirmando].
Para isto nasci e para isto vim ao mundo [Eu nasci, aparecendo Neste mundo]
Para dar testemunho em favor da verdade:
Quem pertence à verdade
Ouve a minha voz.
v. 38: Pilatos replicou-lhe:
e o que é que significa essa verdade?

O conceito «verdade» aparece três vezes neste breve texto, duas vezes na boca de Jesus e uma na de Pilatos. Jesus define-se como o «emissário» neste mundo com a missão de trazer a verdade ao mesmo. A «verdade» é um absoluto, uma grandeza de salvação. Fora de Jesus não há a verdade. As asserções de Jesus lembram Jo 10, 7-15 onde o verbo *eimi* (ser, pertencer) exerce uma função importante:

«quem *é/pertence* à verdade ouve a minha voz» (18, 37)
 «de quem não são/*pertencem as ovelhas*» (Jo 10, 12)
 «e hão-de ouvir a minha voz» (Jo 10, 15).

Uma vez mais, a «verdade» está pela revelação salvadora, e a vinda de Jesus a este mundo teve como missão esta mesma revelação.

A pergunta de Pilatos: «E o que é que significa essa verdade?» corresponde a toda a «trama» do quarto evangelho sobre os *crentes* (ovelhas) que ouvem a voz e o *mundo* que se nega a ouvir para não acreditar (cf, 1Jo 4, 4-6).

Nas cartas de João, o conceito «verdade» aparece 11x (1Jo 1, 6. 8; 2, 4. 8 21bis; 3, 18. 19; 4, 6; 2Jo 1. 4; 3 Jo 3), sobressaindo o significado da *revelação última de Jesus como a verdade a ser acreditada* (1Jo 1, 6c: «...e não praticamos a «verdade»; 1Jo 1, 8b: «...enganamo-nos a nós mesmos e a «verdade» não está connosco»; 1Jo 2, 8: «É, contudo, um mandamento novo o que vos escrevo – o que é «verdade» nele e em vós» – pois as trevas passaram e a luz verdadeira já brilha»; 1Jo 2, 21bis: «Não vos escrevi por não saberdes «a verdade», mas porque a sabeis, e também porque da «verdade» não vem nenhuma mentira»; 1Jo 3, 19: «Por isto conhecemos que somos «da verdade» e, na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração»; 1Jo 4, 5-6: «Eles são do *mundo*; por isso falam a linguagem do mundo, e o mundo *ouve-os*. Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus *ouve-nos*; quem não é de Deus *não nos ouve*. É por isto que nós reconhecemos o *espírito da verdade e o espírito do erro*» (onde está a «verdade» e o «erro»; 2Jo 4: «Muito me alegrei por ter encontrado entre os teus filhos quem *caminha na verdade...*»; 3Jo 3: «...isto é, de como tu *caminhas segundo a verdade*»).

Em conclusão, o conceito «verdade», no quarto evangelho e nas cartas joaninas, corrobora a teologia do seu autor em apresentar a pessoa de Jesus como *Revelador*. Ele revela-se como o

caminho, a verdade e a vida, a luz, o bom pastor, a ressurreição, o pão da vida, etc. «Este evangelho fundamenta-se totalmente na revelação acontecida em Cristo. Só Cristo é a luz, a verdade e a vida. Tudo o que se chamar luz, verdade e vida, vem dele. Na nova religião do cristianismo, tudo se deve fundamentar e legitimar desde este centro. Cristo não é apenas, de facto, o centro desta nova linguagem, mas afirma que o é.»⁹ Semelhante revelação de Jesus transforma-se em auto-revelação, e é, assim, que o quarto evangelho se distingue profundamente dos sinópticos e de Paulo. A revelação sobre a pré-existência do Verbo (1, 1ss), a comunhão identitária com o Pai (10, 30; 17, 11. 12), a adoração de Tomé (20, 28: «Meu Senhor e meu Deus»), colocam-nos diante de um Jesus acima dos dos evangelhos sinópticos e do de Paulo. «O evangelho de João é uma reflexão, a modo de meta-evangelho, sobre os fundamentos da nova religião cristã numa narração própria, e sobre a sua diferença em relação à religião mãe, processos recolhidos nos evangelhos sinópticos. Se quisermos exprimir este processo em conceitos, devemos afirmar que o evangelho de João apresenta a nova linguagem religiosa como um sistema de sinais que se vai auto-organizando»¹⁰. Basta repararmos no Prólogo. «Segundo os sinópticos, a história de Jesus é cumprimento de profecia – dos escritos proféticos ou da profecia actual induzida pelo Espírito –. Mas o prólogo de João começa directamente com Deus. No Revelador está a origem de todas as coisas. Ele vem directamente do coração (*kolpos*) do Pai. Apresenta apenas conhecimento autêntico de Deus, definitivo e exclusivo. Pois só ele viu Deus (1, 18). Inscreve também, sem dúvida, a revelação de Cristo no sistema semiótico do judaísmo. Também aqui Jesus é anunciado pelo Baptista, também aqui a sua revelação é referida a Moisés; mas ocorre de um modo novo. Tudo o que acontece antes e fora de Cristo, não aponta apenas para ele, mas é causado e determinado por ele. Toda a realidade é uma «palavra» oculta que o nomeia a ele e é «pronunciada» por ele...»¹¹.

⁹ Gerd THEISSEN, *La Religión de los Primeros Cristianos. Una Teoría del Cristianismo Primitivo*, Sígueme, Salamanca, 2002, p. 224.

¹⁰ *Idem, Ibid.*

¹¹ *Idem, Ibid.*, pp. 225s.

O autor do quarto evangelho e respectiva comunidade conhece, com certeza, o cristianismo de Paulo e dos sinópticos, e respectivas tradições, mas avança em profundidade o desígnio divino sobre Jesus, apresentando, para tanto, um novo sistema semiótico cristão a partir do seu centro cristológico. E, para o fundamentar, apresenta-o a partir da «verdade» testemunhada pelo mesmo Pai, ou pelo Espírito da Verdade, ou por Moisés e Escrituras, ou por João Baptista, ou pelas obras, etc. O quarto evangelho e o seu mundo cristão é uma releitura de tradições à luz do AT, escritos intertestamentários, mas também em relação a Paulo e aos sinópticos. Como o Jesus joanino sintetiza na resposta a Natanael: «Hás-de ver coisas maiores do que estas!» (1, 50).

E é assim que, em definitivo, perguntamos ao texto em causa: quem é a comunidade e quem é o «discípulo amado» que está por detrás desta cristologia, e qual a função da VERDADE nesta articulação de fé cristã?

Embora o texto do quarto evangelho, como todos os demais textos bíblicos, se devam compreender e interpretar no seu resultado de redacção final, concordamos com os autores que concluem que o quarto evangelho, como chegou até nós, é fruto de camadas redaccionais ou releituras diversas. Basta reparar nas duas conclusões (20, 30-31; 21, 25), na «originalidade» do prólogo sobre o Logos (1, 1-18), do qual nunca mais se menciona, da tipologia dos «sinais-milagres», diferente da dos sinópticos (com excepção de 4, 43-54), da ceia *de despedida* – e não pascal – (13, 3-20); das releituras dos discursos de Adeus (cc.14-17, e respectivo anacronismo em 14, 31b), da falta de qualquer parábola e respectiva pregação de Jesus sobre o Reino de Deus (dos Céus). Levaria longe apresentarmos os critérios históricos, exegéticos e doutrinários sobre esta matéria, objecto de inúmeros estudos recentes e passados ¹².

A intenção do autor é levar a sua comunidade (comunidades) a compreender a pessoa de Jesus em profundidade teológica e cristológica.

¹² Cf. Senen VIDAL, *Los Escritos Originales de la Comunidad del Discípulo «Amigo» de Jesús. El evangelio y las cartas de Juan*. Sígueme, Salamanca, 1997; A. DETTWILER, *Die Gegenwart des Erhöhte. Eine exegetische Studie zu den johanneischen Abschiedsreden (Joh 13, 31-16, 33) unter besonderer Berücksichtigung ihres Relecture-Charakters* (FRLANT 169), Göttingen 1995; Adriana DESTRO / Mauro PESCE, *Cómo nació el Cristianismo Joanico*, Sal Terrae, Santander, 2002.

Esta comunidade «joanina» foi obrigada a reler a pessoa de Jesus, não apenas a partir dum sistema cristológico tradicional e adquirido (Paulo, sinópticos, fonte Quelle, etc.), mas também a partir das dificuldades externas da *própria comunidade* com os judeus (9, 22-23; 12, 42; 16, 2; 7, 13), a ponto de surgirem «lutas» teológicas entre as duas «religiões» bem diferentes das «lutas» dos sinópticos e de Paulo (Jo 9, 44: «Vós tendes por pai o diabo...»; cf. 1Jo 3, 8-15), e *internas* (Jo 6, 66-71; 1Jo 2, 18-23; 4, 1-6; 5, 16; 2 Jo 7-11; 3Jo 9-10)¹³.

Por um processo de profunda reflexão espiritual e teológica, à luz da palavra do AT e demais tradições, o autor «descobre» e «relê» a pessoa de Jesus como o Revelador do Pai, Verbo eterno do Pai, emissário definitivo do Pai, Filho co-igual ao Pai, Salvador de judeus e da humanidade. Esta fé leva-o e aos seus seguidores a entrarem em antagonismo com os judeus e com alguns cristãos de tradição menos avançada. Enquanto que, para os cristãos da tradição de Paulo e sinópticos – a grande igreja em formação – o AT ou as Escrituras por excelência se apresentam como profecia da nova realidade cristã, em João a pessoa de Jesus ultrapassa em tudo as Escrituras hebraicas, o que significa que a *legitimação* de Jesus e da fé cristã, à *maneira de João*, não passa pelo testemunho das Escrituras – Moisés e profetas. A legitimação arranca da auto-revelação do mesmo Jesus. Os enunciados dos contínuos EGO EIMI (EU SOU) testemunham bem esta realidade, e a função da «Verdade» não é mais do que a função desta revelação, que termina, por isso mesmo, por se confundir com a mesma revelação.

Os destinatários do quarto evangelho são, em primeiro lugar, as comunidades joaninas a viverem no meio de outras comunidades cristãs de diferentes tradições, que precisavam desta revelação da «verdade» da sua fé. O redactor do quarto evangelho «projecta sobre o passado de Jesus a actualização das comunidades do seu tempo, projecta luz sobre uma origem, descreve um nexos fundador e justifica uma herança que se conserva dentro de uma história que muda e se desenvolve»¹⁴. Neste particular, as narrativas dos cc.1-12 têm muito a ver com narrativas *etiológicas* ou de justi-

¹³ R. E. BEOWN, *The Community of the Beloved Disciple*, Paulist Press, New York, 1999⁵; *The Churches the Apostles Left Behind*, Paulist Press, New York, 1998³.

¹⁴ A. DESTRO/M. PESCE, *Como nació el cristianismo joánico*, o.c. p. 51.

ficação, um pouco à maneira dos midraches do evangelho da infância de Mateus e Lucas ou das sagas etiológicas dos Patriarcas e dos livros históricos do AT. As narrativas de sinais-milagres das bodas de Caná (2, 1-12) e ressuscitação de Lázaro de Betânia (11, 1-12), ou da catequese com a samaritana (4, 1-42), contêm a verdade cristológica, de sabor etiológico, de comunidades joaninas a viverem nestas localidades.

O cristianismo joanino, na consciência do «discípulo amado» e suas comunidades é o mais perfeito – logo, o mais verdadeiro – testemunhado pela *verdade ou revelação* do próprio Jesus. Trata-se de Jesus, o da Galileia (7, 41), mas também de Jesus, o Filho do Homem, o Logos do Pai, o Um com o Pai (10, 30-33), que forma uma escola de salvação com os seus *discípulos* pelo sinal «sacramental» e «iniciático» da última ceia, explicado, depois, pelos discursos de Adeus (cc. 14-17) e justificado pelo Espírito da Verdade ou Espírito Verdadeiro, cujo *terminus* e *princípio* alia o Verbo/Palavra ao «sopro» do Espírito Santo (20, 22: «E tendo dito isto *soprou (enepphysèsen)* sobre eles e disse-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo, a quem perdoardes os pecados, serão perdoados e a quem os retiverdes, serão retidos’»).

JOAQUIM CARREIRA DAS NEVES